

Tradução do russo de CN, 24.11.2009 (edição provisória)

História do Partido Comunista da URSS (bolchevique)

Breve curso

Sob redacção da comissão do CC do PCU(b)

Aprovado pelo CC do PCU(b)

1938

Capítulo V

O partido dos bolcheviques no período de ascenso do movimento operário anterior à I Guerra imperialista (1912-1914)

1. O ascenso do movimento revolucionário nos anos de 1912 a 1914.

O triunfo da reacção stolipinista revelou-se de curta duração. Um governo que ao povo não queria dar nada para além do chicote e da força não podia ser estável. A repressão tornou-se tão habitual que deixou de assustar o povo. Começou a desaparecer o cansaço dos operários que se fez sentir nos primeiros anos da derrota da revolução, e de novo se levantavam para a luta. A previsão dos bolcheviques de que era inevitável um novo afluxo revolucionário verificou-se correcta. Logo em 1911 o número de grevistas ultrapassou os 100 mil, enquanto nos anos precedentes constituía ao todo entre 50 a 60 mil. Já a Conferência de Praga do Partido, em Janeiro de 1912, tinha assinalado o início da recuperação do movimento operário. Mas é só em Abril-Maio de 1912, quando rebentam as greves políticas de massas na sequência do massacre dos operários do Lena, que se verifica um verdadeiro ascenso do movimento revolucionário.

Em 4 de Abril de 1912, durante uma greve nas minas de ouro do Lena, na Sibéria, mais de 500 operários foram mortos e feridos por ordem de um oficial da polícia tsarista. O fuzilamento da multidão de mineiros desarmados, que seguiam pacificamente para entabular conversações com a administração, alvoroçou o país inteiro. Este novo crime sangrento da autocracia tsarista foi cometido para agradar aos capitalistas ingleses, patrões das minas de ouro da Lena, para quebrar a greve económica dos mineiros. Os capitalistas ingleses e os seus sócios russos retiravam lucros fabulosos destas minas, mais de sete milhões de rublos por ano, à custa da exploração mais desavergonhada dos operários. Pagavam-lhes um salário insignificante e alimentavam-nos com víveres impróprios e putrefactos. Não suportando a opressão e as humilhações, os seis mil operários das minas do Lena entraram em greve.

O proletariado respondeu ao massacre do Lena com greves, manifestações e comícios de massas em Petersburgo, em Moscovo e em todos os centros e regiões industriais.

«Ficámos tão aturdidos e abalados que não conseguimos encontrar logo as palavras adequadas. Qualquer protesto que pudéssemos exprimir não passaria de uma ténue sombra da

efervescência que cada um de nós sentia na alma. Nada nos poderá aliviar: nem lágrimas nem protestos, mas tão só a luta de massas organizada», escreveram os operários de um grupo de empresas na sua resolução.

A veemente indignação dos operários acentuou-se ainda mais quando o ministro tsarista Makárov,¹ respondendo a uma interpelação do grupo social-democrata na Duma sobre o massacre do Lena, declarou cinicamente: «*Assim foi e assim será*». O número de participantes nas greves de protesto contra a carnificina dos operários do Lena elevou-se para 300 mil.

Os dias do Lena, qual furacão, abateram-se sobre a atmosfera de «pacificação» que tinha sido criada pelo regime de Stolípine. Eis o que escreveu o camarada Stáline a este propósito no jornal bolchevique de Petersburgo *Zvezdá* [«A Estrela»], em 1912:

*«Os disparos no Lena quebraram o gelo do silêncio e o rio do movimento popular moveu-se. Moveu-se!... Tudo o que era perverso e pernicioso no actual regime, tudo do que enfermava a martirizada Rússia, tudo isto se concentrou num só facto, nos acontecimentos do Lena. Eis por que os disparos do Lena constituíram precisamente o sinal para as greves e manifestações.»*²

Em vão, liquidacionistas e trotskistas haviam enterrado a revolução. Os acontecimentos do Lena mostraram que as forças revolucionárias estavam vivas, que a classe operária tinha acumulado uma massa enorme de energia revolucionária. As greves do 1.º de Maio de 1912 envolveram cerca de 400 mil operários. Estas greves tiveram um carácter claramente político e decorreram sob as palavras de ordem revolucionárias bolcheviques: república democrática, jornada de oito horas, confiscação de todas as terras dos latifundiários. Estas consignas fundamentais visavam unir não só amplas massas de operários, mas também os camponeses e os soldados para o assalto revolucionário contra a autocracia.

«A grandiosa greve de Maio do proletariado de toda a Rússia e as manifestações de rua que a acompanharam, as proclamações revolucionárias e os discursos revolucionários perante multidões de operários mostraram claramente que a Rússia entrou na fase de ascenso revolucionário», escreveu Lénine no artigo «Ascenso da revolução».³

Alarmados com o espírito revolucionário dos operários, os liquidacionistas manifestaram-se contra a luta grevista, qualificando-a de «frenesim grevista». Eles e o seu aliado Trótski queriam substituir a luta revolucionária do proletariado por uma «campanha peticionária». Os operários foram solicitados a assinar um papelinho, uma «petição», pedindo «direitos» (a abolição das restrições do direito de associação e à greve, etc.), que seria depois enviada à Duma de Estado. Os liquidacionistas só conseguiram recolher 1300 assinaturas, ao mesmo tempo que em torno das palavras de ordem revolucionárias dos bolcheviques se juntavam centenas de milhares de operários.

A classe operária seguiu a via indicada pelos bolcheviques.

Neste período a situação económica do país apresentava o seguinte quadro. A estagnação industrial dera lugar, logo em 1910, a uma recuperação e ao aumento da produção nos ramos fundamentais. Se em 1910 a produção de ferro constitui três milhões e 46 mil toneladas, em 1912

¹ Aleksandr Aleksándrovitch Makárov (1857-1919), fez carreira como juiz e procurador, sendo designado em 1906 vice-ministro do Interior, cujo titular era o próprio primeiro-ministro Stolípine. Comandante da divisão policial do Ministério combateu violentamente o movimento revolucionário. Em 1911, na sequência do assassinato de Stolípine, torna-se ministro do Interior, sendo obrigado a demitir-se após o massacre do Lena. Integra o Conselho de Estado e em 1916 volta ao governo como ministro da Justiça. É preso em Fevereiro de 1917 e fuzilado em 1919. (*N. do T.*)

² «Moveu-se», artigo publicado no jornal *Zvezda* de Petersburgo, n.º 32, de 19 de Abril de 1912, assinado K.C., I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo, 1946, Tomo 2, pág. 238. (*N. do T.*)

³ «Ascenso da revolução», publicado no jornal *Sotsial-Democrat*, n.º27, de 17 Junho de 1912, V.I. Lénine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1968, Tomo 21, pág. 339. (*N. do T.*)

atingiu quatro milhões e 193 mil toneladas, e em 1913, quatro milhões e 635 mil toneladas. A extracção de coque, que representou 24 milhões e 930 mil toneladas em 1910, subiu para 36 milhões e 262 mil toneladas em 1913.⁴

Em simultâneo como o crescimento da indústria capitalista o proletariado também crescia rapidamente. O desenvolvimento da indústria caracterizava-se pela contínua concentração da produção nas grandes e muito grandes empresas. Se em 1901 nas grandes empresas com 500 ou mais trabalhadores laboravam 46,7 por cento da totalidade dos operários, em 1910 este tipo de empresas empregava cerca de 54 por cento, ou seja, mais da metade do total de operários, o que constituía uma concentração industrial sem precedentes. Mesmo num país industrial tão desenvolvido como os Estados Unidos, as grandes empresas empregavam naquela época apenas cerca de um terço do total de operários.

O crescimento e a concentração do proletariado em grandes empresas, a presença de um partido revolucionário como o partido bolchevique, transformaram a classe operária da Rússia numa força eminente na vida política do país. As bárbaras formas de exploração dos operários nas empresas, juntamente com o insuportável regime policial dos esbirros tsaristas, conferiam um carácter político a cada greve importante. E esta articulação da luta política com a luta económica imprimia às greves de massas um particular vigor revolucionário.

Na vanguarda do movimento operário revolucionário marchava o heróico proletariado de Petersburgo, e atrás dele vinham o território do Báltico, Moscovo e a sua província, depois a Bacia do Volga e o Sul da Rússia. Em 1913 o movimento estende-se ao território Oeste, à Polónia e ao Cáucaso. Segundo os dados oficiais, o número total de grevistas em 1912 atingiu os 725 mil, mas terá ultrapassado um milhão de acordo com outras fontes mais completas; em 1913, segundo os números oficiais, foram 861 mil, mas dados mais completos indicam um milhão e 272 mil. Na primeira metade de 1914 cerca de um milhão e meio de operários participaram em greves.

Deste modo, o ascenso da revolução entre 1912 e 1914 e a envergadura do movimento grevista colocavam o país numa situação próxima dos primeiros meses da revolução de 1905.

As greves revolucionárias de massas do proletariado tinham um impacto em *todo o povo*. Eram dirigidas contra a autocracia e despertavam a simpatia da imensa maioria da população trabalhadora. Os industriais e empresários vingavam-se das greves dos operários declarando *lock-outs*. Em 1913, na Província de Moscovo, foram assim postos na rua 50 mil operários têxteis. Em Petersburgo, no mês de Março de 1914, 70 mil operários ficaram sem trabalho num só dia. Os operários de outras empresas e ramos industriais auxiliavam os grevistas e as vítimas dos *lock-outs* com colectas massivas de dinheiro, e por vezes com greves de solidariedade.

O ascenso do movimento operário e as greves massivas despertavam e arrastavam também para a luta as massas camponesas, que se insurgiam de novo contra os latifundiários, destruíam os seus domínios e as quintas dos kulaques. Entre 1910 e 1914 tiveram lugar mais de oito mil acções camponesas.

Também no exército começaram a registar-se acções revolucionárias. Em 1912 ocorreu uma sublevação armada nas tropas do Turquistão. Outras revoltas estavam iminentes na esquadra do Báltico e em Sebastópol.

O movimento grevista revolucionário e as manifestações dirigidas pelo partido bolchevique mostravam que a classe operária travava uma luta não por reivindicações parciais, por «reformas», mas sim pela libertação do povo do tsarismo. O país ia ao encontro de uma nova revolução.

No Verão de 1912, Lénine mudou-se de Paris para a Galitzia (antiga Áustria) para estar mais perto da Rússia. Ali, sob a sua presidência, tiveram lugar duas reuniões de membros do CC e

⁴ No original russo é utilizada a medida *pud*, equivalente 16,38 kg., que convertemos e arredondámos para o sistema métrico decimal de forma a facilitar a leitura. (N. do T.)

quadros responsáveis: uma em Cracóvia, em fins de 1912, e outra no Outono de 1913, na localidade de Poronino, nos arredores de Cracóvia. Nestas reuniões foram adoptadas resoluções sobre as questões mais importantes do movimento operário: o ascenso da revolução, as greves e as tarefas do partido, o reforço das organizações clandestinas, o grupo social-democrata da Duma, a imprensa partidária e a campanha dos seguros sociais.

2. O jornal bolchevique Pravda. O grupo bolchevique da IV Duma de Estado.

O jornal *Pravda* [«A Verdade»], editado em Petersburgo, foi uma poderosa arma nas mãos do partido bolchevique para reforçar as organizações e aumentar a sua influência entre as massas. O jornal foi fundado sob indicação de Lénine e por iniciativa de Stáline, Olmínski⁵ e Poletáiev.⁶ O *Pravda*, jornal operário de massas, nasceu com o novo ascenso do movimento revolucionário. O primeiro número saiu a 22 de Abril de 1912 (5 de Maio do novo calendário). Foi uma verdadeira festa para os operários. Em honra da publicação do *Pravda* foi decidido considerar a data de 5 de Maio como o dia da imprensa operária.

Antes do *Pravda* era publicado o jornal semanário bolchevique *Zvezdá*, dirigido aos operários de vanguarda. O *Zvezdá* desempenhou um importante papel durante os dias do Lena. Nele, Lénine e Stáline publicaram uma série de combativos artigos políticos que mobilizaram a classe operária para a luta. Mas nas condições do afluxo revolucionário, um jornal semanário era insuficiente para o partido bolchevique. Precisava-se de um diário político de massas, dirigido às mais amplas camadas operárias. O *Pravda* foi esse jornal.

Neste período o papel do *Pravda* foi excepcionalmente importante. O *Pravda* conquistou as grandes massas da classe operária para o lado do bolchevismo. Numa situação de incessantes perseguições policiais, de multas e apreensões motivadas por artigos e correspondências que não agradavam à censura, o *Pravda* não poderia existir sem o apoio activo de dezenas de milhares de operários de vanguarda. As pesadas multas só podiam ser pagas graças às amplas colectas feitas nos meios operários. Frequentemente uma parte considerável das edições apreendidas chegava apesar disso ao leitor porque os operários de vanguarda iam durante a noite à tipografia e levavam consigo maços de jornais.

Em dois anos e meio o governo tsarista encerrou oito vezes o *Pravda*, mas com o apoio dos operários o jornal voltava a aparecer com um novo nome semelhante, por exemplo: «Pela Verdade», «O Caminho da Verdade», «A Verdade do Trabalho».

Enquanto o *Pravda* difundia em média 40 mil exemplares diários, a tiragem do jornal menchevique *Lutch* («O Raio») não ultrapassava 15 a 16 mil.

Os operários consideravam o *Pravda* como o seu jornal, tinham uma grande confiança nele e escutavam atentamente a sua voz. Cada exemplar do *Pravda*, passando de mão em mão, era

⁵ Mikhail Stepánovich Olmínski (verdadeiro apelido Aleksándrov) (1863-1933), descendente de uma família nobre, aderiu ao movimento revolucionário populista no início dos anos 80 do séc. XIX. Membro do POSDR desde 1898, bolchevique, integrou as redacções de vários jornais do Partido e foi um participante activo na Revolução de Outubro. Historiador, publicista e crítico literário, dirigiu o departamento de História do CC e foi membro da Direcção do Instituto V.I. Lénine. (*N. do T.*)

⁶ Nicolai Gurievitch Poletáiev (1872-1930), um dos pioneiros do movimento social-democrata russo, membro da União de Luta pela Emancipação da Classe Operária, membro do POSDR desde 1904, participante nas três revoluções russas, deputado da Duma (1907-1912), membro do colégio de redacção dos jornais *Zvezdá* e *Pravda*. No período soviético desenvolve actividade editorial e na área do comércio externo. Foi delegado ao XV Congresso do PCU(b) em 1927. (*N. do T.*)

utilizado por dezenas de leitores; formava a sua consciência de classe, educava, organizava e mobilizava para a luta.

De que falava o *Pravda*?

Cada número continha dezenas de correspondências de operários que relatavam a vida que levavam, a feroz exploração, as diferentes perseguições e humilhações a que eram sujeitos pelos capitalistas e seus administradores e contramestres. Estes relatos eram denúncias pungentes e certeiras do regime capitalista. Com frequência o *Pravda* noticiava casos de operários desempregados esfomeados que se suicidavam ao perderem a esperança de encontrar trabalho.

O *Pravda* falava das necessidades e das exigências dos operários de diversas fábricas e ramos industriais, relatava como lutavam os operários pelas suas reivindicações. Em quase todos os números noticiavam-se as greves realizadas nas diferentes empresas. Quando eram desencadeadas greves importantes e longas, o jornal organizava os operários de outras empresas e ramos industriais para auxiliarem os grevistas com colectas. Por vezes os fundos de greve reuniam dezenas de milhares de rublos, um montante enorme para uma época em que a maioria dos operários ganhava de 70 a 80 kopeques [cêntimos de rublo] por dia. Isto educava os operários no espírito da solidariedade proletária e da consciência da unidade de interesses de todos os operários.

A cada acontecimento político, a cada vitória ou derrota os operários reagiam enviando ao *Pravda* cartas, saudações, protestos, etc. Nos seus artigos, o *Pravda* expunha as tarefas do movimento operário a partir de um ponto de vista bolchevique consequente. Como jornal legal não podia apelar directamente ao derrubamento do tsarismo. Tinha de recorrer a alusões, cujo sentido os operários conscientes compreendiam e explicavam às massas. Por exemplo, quando o *Pravda* se referia às «reivindicações completas e integrais do ano de 1905», os operários sabiam que se tratava das palavras de ordem revolucionárias dos bolcheviques: derrubamento do tsarismo, república democrática, confiscação das terras dos latifúndios e jornada de oito horas.

O *Pravda* organizou os operários de vanguarda no momento das eleições para a IV Duma, desmascarou a traição dos mencheviques, defensores de um acordo com a burguesia liberal e do «partido operário stolipinista», e apelou aos operários a votar naqueles que defendiam as «reivindicações integrais do ano de 1905», isto é, nos bolcheviques. As eleições decorriam em várias etapas. Primeiro os operários elegiam em assembleias os seus delegados, depois estes representantes elegiam os «eleitores», e por fim estes últimos participavam na eleição de um deputado operário para a Duma. No dia das eleições o *Pravda* publicou a lista dos candidatos bolcheviques a «eleitores», nos quais apelava aos operários a votar. A lista não foi publicada antes para não colocar em risco de prisão os candidatos mencionados.

O *Pravda* ajudava a organizar as acções do proletariado. Durante um grande *lock-out* em Petersburgo, na Primavera de 1914, num momento em que não era oportuno declarar uma greve de massas, o *Pravda* chamou os operários para outras formas de luta – comícios de massas nas fábricas, manifestações nas ruas. O jornal não podia fazê-lo abertamente, mas o seu apelo foi compreendido pelos operários conscientes que leram o artigo de Lénine discretamente intitulado «Sobre as formas do movimento operário», no qual se dizia que, naquele dado momento, era preciso substituir a greve por uma forma mais elevada do movimento operário, o que significava um apelo à organização de comícios e manifestações.

Era deste modo que os bolcheviques combinavam a acção revolucionária clandestina com a agitação e a organização legal das massas operárias através do *Pravda*.

Para além da vida dos operários, das greves e das manifestações operárias, o jornal abordava sistematicamente a vida camponesa, as fomes que assolavam os campos, a exploração infligida pelos latifundiários feudais, o saque das melhores terras dos camponeses pelos fazendeiros-kulaques, em consequência da «reforma» de Stolípine. O *Pravda* mostrava aos operários conscientes a enorme quantidade de material inflamável que se acumulava no campo. Explicava-

lhes que as tarefas da revolução de 1905 não tinham sido realizadas, e que estava iminente uma nova revolução. Explicava-lhes que nessa segunda revolução o proletariado devia agir como o verdadeiro líder, o dirigente do povo, e que teria como o poderoso aliado o campesinato revolucionário.

Por seu lado, os mencheviques procuravam que o proletariado deixasse de pensar na revolução. Incutiam nos operários a ideia de que deviam deixar de preocupar-se com o povo, com a fome no campo, com o arbítrio das centúrias negras dos terratenentes feudais, fazendo-lhes crer que deviam limitar-se a lutar pela «liberdade de associação», fazendo «petições» ao governo tsarista. Os bolcheviques explicavam que a propaganda menchevique da renúncia à revolução e à aliança com o campesinato era feita no interesse da burguesia, que os operários poderiam vencer o tsarismo se atraíssem para o seu lado o campesinato como aliado, que os maus pastores do tipo dos mencheviques deviam ser rejeitados como inimigos da revolução.

Do que tratava o *Pravda* na secção intitulada «A vida camponesa»?

Tomemos como exemplo algumas das correspondências de 1913.

Uma correspondência de Samara intitulada «Questão agrária» informava que grande parte dos 45 camponeses da aldeia de Novokhasbulat, no distrito de Bugulmink, acusados de se terem oposto ao agrimensor durante a atribuição de parcelas àqueles que se separavam da comuna, tinha sido condenada a longas penas de prisão.

Uma curta correspondência da província de Pskov informava: «*Os camponeses da aldeia de Psitsa (perto da estação de Zavalié) ofereceram resistência armada aos guardas. Há feridos. O confronto foi provocado por disputas de terras. Guardas foram enviados para Psitsa; também se deslocaram ao local o vice-governador e o procurador*».

Uma correspondência da província de Ufá informava sobre a venda de parcelas dos camponeses, notando que a fome, conjugada com a lei que autorizava a saída das comunas rurais, tinha acelerado o processo de espoliação dos camponeses das suas terras. Como exemplo citava o lugar de Boríssovka. «*Havia aqui 27 casas que possuíam 592 hectares⁷ de terras aráveis. Durante a fome cinco camponeses venderam 34 hectares ao preço de 25 a 33 rublos cada, quando o seu valor era três ou quatro vezes superior. No mesmo lugar outros sete camponeses hipotecaram 193 hectares, recebendo 18 a 20 rublos por cada hectare por um prazo de seis anos a um juro de 12 por cento ao ano. Se tivermos em conta o empobrecimento da população e a taxa de juro desmesurada, podemos afirmar com segurança que metade dos 193 hectares deverá passar para as mãos do usurário, já que é pouco provável que sequer metade dos endividados possa saldar um montante tão elevado no prazo de seis anos.*»

No artigo «A grande propriedade fundiária senhorial e a pequena propriedade camponesa na Rússia»,⁸ publicado no *Pravda*, Lênine mostrou claramente aos operários e camponeses a imensidão da riqueza fundiária que estava nas mãos dos latifundiários-parasitas. Apenas 30 mil grandes proprietários possuíam cerca de 76,3 milhões de hectares de terra. Tanto quanto era partilhado por dez milhões de famílias camponesas. Cada grande latifundiário possuía em média 2500 hectares de terra, enquanto cada família camponesa, incluindo as famílias kulaques, tinham em média 7,6 hectares, sendo que cinco milhões de famílias camponesas pobres, isto é, metade de todo o campesinato, não possuíam mais do que um ou dois hectares. Estes factos mostravam claramente que a causa da miséria e da fome dos camponeses residia na grande propriedade

⁷ No original é usada a antiga medida russa deciatina, equivalente a 1,09 hectares, que convertemos para hectare. (N. do T.)

⁸ «A grande propriedade fundiária senhorial e a pequena propriedade camponesa na Rússia», publicado no jornal *Pravda*, n.º 51, 2 de Março de 1913, V.I. Lênine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, 1973, Tomo 23, págs. 10-11. (N. do T.)

fundiária senhorial, nos resquícios do feudalismo dos quais os camponeses só se podiam livrar-se por via da revolução dirigida pela classe operária.

Através dos operários que se mantinham ligados às suas aldeias, o *Pravda* penetrou no campo despertando os camponeses mais avançados para a luta revolucionária.

Durante o período de criação do *Pravda*, as organizações sociais-democratas clandestinas estavam inteiramente nas mãos dos bolcheviques. Em contrapartida, as formas legais de organização – o grupo da Duma, a imprensa, as associações operárias de socorros mútuos, os sindicatos – não tinham ainda sido completamente conquistadas aos mencheviques. Era preciso travar uma luta decidida para expulsar os liquidacionistas das organizações legais da classe operária. Graças ao *Pravda* esta luta foi coroada de êxito.

O *Pravda* estava no centro da luta pelo espírito de partido, pela reconstituição de um partido operário revolucionário de massas. O jornal ligava as organizações legais às estruturas clandestinas do partido bolchevique, e orientava o movimento operário para um objectivo definido – a preparação da revolução.

O *Pravda* tinha uma quantidade enorme de correspondentes operários. Só num ano foram publicadas mais de 11 mil correspondências operárias. Mas a sua ligação às massas operárias não se realizava apenas por via de cartas e correspondências. Numerosos operários vinham diariamente das fábricas à redacção, onde era feita uma parte considerável do trabalho de organização do partido. Ali se realizavam encontros com representantes das células locais do partido, ali chegavam informações sobre o trabalho do partido nas fábricas e empresas, e dali eram transmitidas as directivas do Comité de Petersburgo e do Comité Central do Partido.

Em resultado de dois anos e meio de luta tenaz dos bolcheviques contra os liquidacionistas, pela reconstituição do partido operário revolucionário de massas, no Verão de 1914 *quatro quintos* dos operários activos da Rússia apoiavam o partido bolchevique e a táctica «pravdista». Isto é testemunhado, por exemplo, pelo facto de que, num total de sete mil grupos operários que em 1914 recolheram fundos para jornais operários, 5600 grupos fizeram-no para a imprensa bolchevique e apenas 1400 para imprensa menchevique. Em compensação, os mencheviques tinham muitos «amigos ricos» entre a burguesia liberal e a *intelligentsia* burguesa que garantiam mais de metade dos recursos necessários para sustentar o seu jornal.

Os bolcheviques eram chamados na altura de «pravdistas». Com o *Pravda* cresceu toda uma geração do proletariado revolucionário que mais tarde conduziu a Revolução Socialista de Outubro. Dezenas ou mesmo centenas de milhares de operários apoiavam o *Pravda*. Durante os anos do ascenso revolucionário (1912-1914) foram lançados os alicerces sólidos do partido bolchevique de massas, que nenhuma perseguição do tsarismo no período da guerra imperialista foi capaz de destruir.

«O *Pravda* de 1912 foi a primeira pedra das fundações da vitória do bolchevismo em 1917».⁹

Outro órgão legal do Partido para toda a Rússia era o grupo bolchevique da IV Duma de Estado.

Em 1912 o governo convocou as eleições para a IV Duma. O partido atribuiu grande importância à participação nestas eleições. O grupo parlamentar social-democrata e o *Pravda* constituíam os principais pontos de apoio legais à escala de toda a Rússia, através dos quais o partido bolchevique realizava o seu trabalho revolucionário de massas.

O partido bolchevique concorreu autonomamente às eleições para Duma, com palavras de ordem próprias, assestando golpes simultâneos contra os partidos governamentais e contra a burguesia liberal (os *kadetes*). A sua campanha eleitoral foi desenvolvida em torno das consignas da república democrática, da jornada de oito horas e da confiscação das terras aos latifundiários.

⁹ «Sobre o *Pravda*», artigo publicado no *Pravda*, n.º 98, de 5 de Maio de 1922, I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo 1947, Tomo 5, pág. 128. (*N. do T.*)

As eleições para a IV Duma decorreram no Outono de 1912. No início de Outubro, descontente com o curso das eleições em Petersburgo, o governo tentou restringir os direitos eleitorais dos operários numa série de grandes fábricas. Em resposta a isto, o Comité de Petersburgo do partido bolchevique, por proposta do camarada Stáline, apelou aos operários das maiores empresas a declararem uma greve de 24 horas. Colocado numa situação difícil, o governo foi obrigado a recuar, e os operários puderam eleger nas assembleias aqueles que queriam. Por imensa maioria, os operários aprovaram o «Mandato» incumbido aos representantes e ao deputado, cujo texto foi redigido pelo camarada Stáline. O «Mandato dos operários de Petersburgo ao seu deputado operário» recordava as tarefas não realizadas de 1905.

«(...) *Consideramos que a Rússia*» – afirmava-se no «Mandato» – *vive em vésperas de movimentos de massas talvez mais profundos que os do ano de 1905*. «(...) *O iniciador destes movimentos será, tal como no ano de 1905, a classe mais avançada de sociedade russa, o proletariado russo. O seu aliado somente pode ser o martirizado campesinato, vitalmente interessado na libertação da Rússia.*»

O «Mandato» declarava que as acções futuras do povo deveriam tomar a forma de uma luta em duas frentes – tanto contra o governo tsarista como contra a burguesia liberal, que procurava um acordo com o tsarismo.

Lénine atribuiu grande importância a este «Mandato» que chamava os operários para a luta revolucionária. E os operários responderam a este apelo nas suas resoluções.

Os bolcheviques venceram as eleições, e como representante dos operários de Petersburgo na Duma foi eleito o camarada Badáiev.¹⁰

Nas eleições para a Duma os operários votaram separadamente das restantes camadas da população (na chamada cúria operária). Dos nove deputados eleitos pelos operários, seis eram membros do partido bolchevique: Badáiev, Petróvski,¹¹ Muránov,¹² Samolílov,¹³ Chágov¹⁴ e

¹⁰Aleksei Egórovitch Badáiev (1883-1951), membro do Partido desde 1904, do CC desde 1925. De origem camponesa, serralheiro de profissão, foi eleito deputado da IV Duma e integrou o *Buro* da Rússia do CC do POSDR. Em 1915 foi deportado, regressando a Petrogrado em 1917. Em Outubro é designado comissário dos Aproveitamentos de Petrogrado e Região Norte. Desempenhou vários cargos públicos, designadamente como comissário da Indústria Alimentar da URSS (1937-1938), como presidente do *Presidium* do Soviete Supremo da RFSSR e vice-presidente do Soviete Supremo da URSS (1938-1944). (*N. do T.*)

¹¹Grigóri Ivánovitch Petróvski (1878-1958), membro do Partido desde 1897, do CC em 1912 e entre 1921 e 1939, candidato do *Politburo* entre 1926 e 1939. Participante na revolução de 1905-1907 foi deputado da IV Duma (1912-1914). Deportado na Sibéria até 1917, foi comissário dos Assuntos Internos da Rússia (1917-1919) e presidente do Comité Executivo Central de Toda a Ucrânia (1919-1938). A partir de 1940 torna-se director-adjunto do Museu da Revolução da URSS. (*N. do T.*)

¹²Matvei Konstatíonovitch Muránov (1873-1959), membro do Partido desde 1904, do CC (1917-18 e 1919-20), candidato (1920-21 e 1923-24). Filho de camponeses, ferroviário, deputado da IV Duma, foi deportado em 1915. Participa na Revolução de Outubro, é designado em Dezembro vice-comissário dos Assuntos Internos da Rússia, membro do Tribunal Supremo da URSS a partir de 1923, e funcionário do Comité Executivo Central de Toda a Rússia a partir de 1934. Aposenta-se em 1939. (*N. do T.*)

¹³Fiódor Nikítitch Samolílov (1882-1952), membro do Partido desde 1903, candidato do CC (1922-23). Filho de tecelão, participa na revolução de 1905, torna-se presidente do sindicato dos tipógrafos (1906-07) e é eleito em 1912 deputado da IV Duma. Preso e deportado em 1914, assume diversas funções locais entre 1917 e 1918, sendo designado vice-comissário do Trabalho da Ucrânia (1919 e 1920-21). Responsável pelos arquivos do Partido a partir de 1928, exerce funções de director do Museu da Revolução da URSS (1937-41). (*N. do T.*)

¹⁴Nikolai Románovitch Chágov (1882-1918), membro do Partido desde 1905, participante na primeira revolução russa, eleito deputado da IV Duma. Preso com cinco outros deputados bolcheviques em 1914, foi deportado no ano seguinte, regressando gravemente doente a Petrogrado em 1917. (*N. do T.*)

Malinóvski¹⁵ (mais tarde descobriu-se ser um agente provocador). Os deputados bolcheviques tinham sido eleitos nos grandes centros industriais, onde se concentravam pelo menos quatro quintos da classe operária. Contudo, fora da cúria operária, alguns liquidacionistas também tinham sido eleitos. Por isso havia na Duma sete deputados liquidacionistas contra seis bolcheviques. Inicialmente, os deputados bolcheviques e os liquidacionistas constituíram um grupo social-democrata comum. Mas em Outubro de 1913, depois de uma persistente luta contra os liquidacionistas que colocavam entraves ao trabalho revolucionário, os deputados bolcheviques, por instrução do Comité Central do Partido, abandonaram o grupo social-democrata unificado e criaram o seu grupo autónomo.

Na Duma os deputados bolcheviques faziam discursos revolucionários nos quais desmascaravam o regime autocrático e interpelavam o governo sobre a repressão contra os operários e a exploração desumana por parte dos capitalistas.

Intervinham na Duma igualmente sobre a questão agrária, apelavam nos seus discursos aos camponeses a lutar contra os latifundiários feudais e denunciavam o partido *kadete*, que era contra a confiscação das terras senhoriais e a sua entrega aos camponeses.

Os bolcheviques apresentaram um projecto de lei sobre a jornada de oito horas, que, apesar de naturalmente não ter sido aprovado pela Duma dominada pelas centúrias negras, teve um grande papel de agitação.

O grupo bolchevique da Duma estava estreitamente ligado ao Comité Central do Partido, a Lénine, de quem recebia directivas. O seu trabalho foi directamente dirigido pelo camarada Stáline durante a sua permanência em Petersburgo.

Não se limitando ao trabalho parlamentar, os deputados bolcheviques desenvolveram uma grande actividade fora da Duma. Deslocavam-se às fábricas e empresas, viajavam pelos centros operários do país onde intervinham, organizavam reuniões clandestinas para explicar as decisões da direcção, criavam novas organizações do partido. Os deputados combinavam habilmente a acção legal com o trabalho ilegal, clandestino.

3. A vitória dos bolcheviques nas organizações legais. O crescimento subsequente do movimento revolucionário. A véspera da guerra imperialista.

Durante este período o partido bolchevique forneceu exemplos de direcção de todas as formas e manifestações da luta de classes do proletariado. Construiu organizações clandestinas, editou panfletos ilegais, realizou trabalho revolucionário conspirativo entre as massas. Ao mesmo tempo dominava cada vez mais as diferentes organizações legais da classe operária. O partido procurava ganhar os sindicatos, as casas do povo, as universidades nocturnas, os clubes e as sociedades operárias de socorros mútuos. Estas organizações legais eram desde há muito o refúgio dos liquidacionistas. Os bolcheviques travaram uma luta enérgica para transformar estas associações legais em pontos de apoio do partido. Combinando com mestria o trabalho clandestino com o trabalho legal, conquistaram para o seu lado a maioria dos sindicatos das duas capitais. Uma vitória particularmente brilhante foi obtida nas eleições de 1913 para a direcção do Sindicato dos

¹⁵Roman Vatsávovitch Malinóvski (1876-1918), torneiro mecânico, foi condenado por roubo em 1899. Entre 1901 e 1905 foi soldado no regimento de Izmaïlov, aderiu ao Partido em 1906 e trabalhou no Sindicato dos Metalúrgicos de Petersburgo. Após a prisão torna-se agente da polícia secreta. Entre 1912 e 1914 foi membro do CC e deputado da IV Duma. Após a prisão dos deputados bolcheviques abandona o país, sendo expulso do Partido por deserção. Ingressa no exército durante a I Guerra, regressando a Petrogrado em 1918, onde é condenado a fuzilamento pelo Tribunal Supremo. (*N. do T.*)

Metalúrgicos de Petersburgo: em três mil metalúrgicos presentes na assembleia apenas 150 votaram nos liquidacionistas.

O mesmo se deve dizer da organização legal que constituía o grupo social-democrata na IV Duma. Apesar de os mencheviques terem sete deputados e os bolcheviques apenas seis, o grupo menchevique, eleito sobretudo em regiões não operárias, representava à justa uma quinta parte de proletariado, enquanto o grupo bolchevique, eleito nos principais centros industriais do país (Petersburgo, Moscovo, Ivánovo-Vosnessensk, Kostromá, Ekaterinoslav e Khárkov), representava mais de quatro quintos da classe operária do país. Os operários consideravam como seus deputados os seis bolcheviques (Badáiev, Petróvski, etc.) e não os sete mencheviques.

Os bolcheviques conseguiram conquistar as organizações legais porque, apesar das brutais perseguições do tsarismo e da acção corrosiva dos liquidacionistas e dos trotskistas, souberam preservar o partido clandestino e uma disciplina férrea nas suas fileiras, defenderam com firmeza os interesses da classe operária estreitamente ligados às massas, e travaram uma luta intransigente contra os inimigos do movimento operário.

Deste modo verificou-se uma vitória em toda a linha dos bolcheviques e a derrota dos mencheviques nas organizações legais. Tanto no campo da agitação na tribuna da Duma como no campo da imprensa operária e de outras organizações legais, os mencheviques foram relegados para segundo plano. Animada pelo movimento revolucionário, a classe operária unia-se claramente em torno dos bolcheviques rejeitando os mencheviques.

Para cúmulo, os mencheviques revelaram a sua bancarrota também no domínio da questão nacional. O movimento revolucionário nas regiões periféricas da Rússia exigia um programa claro sobre a questão nacional. Mas verificou-se que os mencheviques não tinham qualquer programa para além da «autonomia cultural» do *Bund*, o que não podia satisfazer ninguém. Os bolcheviques eram os únicos que dispunham de um programa marxista sobre a questão nacional, desenvolvido pelo camarada Stáline no artigo «O marxismo e a questão nacional»¹⁶ e nos artigos de Lénine «Sobre o direito das nações à autodeterminação»¹⁷ e «Notas críticas sobre a questão nacional».¹⁸

Não surpreende que depois de tais derrotas do menchevismo, o Bloco de Agosto tenha começado a rebentar pelas costuras. Composto por elementos heterogéneos, o Bloco não resistiu à pressão dos bolcheviques e começou a partir-se aos bocados. Criado para combater os bolcheviques, depressa se desintegrou sob os golpes dos bolcheviques. Os apoiantes do *Vperiod* [«Avante»] (Bogdánov, Lunatchárski, etc.) foram os primeiros a abandoná-lo, a seguir saíram os letões e logo depois os outros dispersaram-se.

Vendo-se derrotados na luta contra os bolcheviques, os liquidacionistas apelaram à ajuda da II Internacional, que veio em seu auxílio. A pretexto da «reconciliação» entre os bolcheviques e os liquidacionistas e do estabelecimento da «paz dentro do partido», a II Internacional exigiu que os bolcheviques cessassem as suas críticas à política conciliadora dos liquidacionistas. Mas os bolcheviques eram intransigentes. Recusaram submeter-se às decisões da II Internacional oportunista e não fizeram qualquer concessão.

A vitória dos bolcheviques nas organizações legais não foi nem podia ser uma casualidade. Não só porque os bolcheviques eram os únicos que tinham uma teoria marxista justa, um programa

¹⁶ «O marxismo e a questão problema nacional», publicado na revista *Prosvechénie*, n.ºs 3, 4 e 5, Março-Maio de 1913, I.V. Stáline, *Obras*, ed. cit., Moscovo, 1946, Tomo 2, págs. 290-367. (*N. do T.*)

¹⁷ «Sobre o direito das nações à autodeterminação», publicado na revista *Prosvechénie*, n.ºs 4, 5 e 6, em Abril-Junho de 1914, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., Lisboa, Tomo I, págs. 509-556. (*N. do T.*)

¹⁸ «Notas críticas sobre a questão nacional», publicado na revista *Prosvechénie*, n.ºs 10, 11 e 12, de Novembro-Dezembro, de 1913, V.I. Lénine, *Obras Completas*, ed. cit., Moscovo, Tomo 24, págs. 113-150. (*N. do T.*)

claro e um partido revolucionário temperado nos combates. Mas ainda porque a vitória dos bolcheviques traduzia o crescimento do ascenso do movimento revolucionário.

O movimento operário revolucionário desenvolvia-se cada vez mais, alastrando a novas cidades e regiões. Com a entrada do ano de 1914, as greves operárias não só não se extinguíram como começaram a desenvolver-se com uma força renovada, tornando-se cada vez mais persistentes e envolvendo um número crescente de operários. Em 9 de Janeiro paralisaram 250 mil operários, 140 mil dos quais em Petersburgo. No 1.º de Maio mais de um milhão entraram em greve, dos quais mais de 250 mil em Petersburgo. Nestas greves, os operários demonstraram uma firmeza que não era habitual. A greve na fábrica *Obukhov*, em Petersburgo, durou mais de dois meses, e na fábrica *Lessner* cerca de três meses. As intoxicações em massa ocorridas numa série de fábricas de Petersburgo levaram para a greve 115 mil operários, a que se seguiram manifestações. O movimento continuou a crescer. Durante o primeiro semestre de 1914 (incluindo os primeiros dias do mês de Julho), um total de um milhão 450 mil operários fizeram greve.

Em Maio começou a greve geral dos operários da indústria petrolífera em Baku, que atraiu a atenção de todo o proletariado da Rússia. A greve decorreu de forma organizada. Em 20 de Junho, 20 mil operários manifestaram-se em Baku. A polícia reprimiu cruelmente os operários. Em sinal de protesto e de solidariedade com os operários de Baku foi declarada uma greve em Moscovo que alastrou a outras regiões.

A 3 de Julho, na fábrica *Pútilov* de Petersburgo, realizou-se um comício dedicado à greve de Baku. A polícia disparou contra os operários, gerando uma enorme indignação no proletariado da cidade. Em 4 de Julho, 90 mil operários participam na greve convocada em sinal de protesto pelo Comité de Petersburgo do Partido; em 7 de Julho eram já 130 mil; em 8 de Julho, 150 mil, e em 11 de Julho, 200 mil.

A agitação era grande em todas as fábricas, por toda a parte decorriam comícios e manifestações. Nas ruas de Petersburgo chegou-se a tentar construir barricadas, o mesmo aconteceu em Baku e Lodz. Numa série de locais a polícia disparou sobre os operários. Para esmagar o movimento, o governo decretou medidas de «excepção», a capital foi transformada num campo militar, o *Pravda* foi encerrado.

Mas nesta altura entrou em cena uma nova força da ordem internacional – a guerra imperialista, que iria alterar o rumo dos acontecimentos. Foi justamente durante os acontecimentos revolucionários de Julho que chegou a Petersburgo o presidente da França, Poincaré,¹⁹ para conversações com o tsar sobre o início da guerra iminente. Poucos dias depois a Alemanha declarou guerra à Rússia. O governo tsarista aproveitou o momento para destruir as organizações bolcheviques e esmagar o movimento operário. O ascenso da revolução foi interrompido pela guerra mundial na qual o governo tsarista procurou salvar-se da revolução.

¹⁹ Raymond Poincaré (1860-1934), reputado advogado, iniciou a sua carreira política em 1887 como deputado. Em 1913, depois de ter desempenhado vários cargos ministeriais e quando já era o chefe do governo, é eleito presidente da França, funções que exerce até 1920. Volta a desempenhar o cargo de Presidente do Conselho por mais quatro vezes até 1929, ano em que se retira da vida política. (*N do T.*)

Breves conclusões

Nos anos de ascenso revolucionário (1912 a 1914), o partido bolchevique encabeçou o movimento operário e conduziu-o para a nova revolução sob as suas palavras de ordem. O partido soube realizar a união do trabalho clandestino com o trabalho legal. Quebrando a resistência dos liquidacionistas e dos seus amigos – os trotskistas e os *otzovistas* – dominou todas as formas do movimento legal e transformou as organizações legais em pontos de apoio da sua acção revolucionária.

Lutando contra os inimigos da classe operária e contra os seus agentes dentro do movimento proletário, o partido reforçou as suas fileiras e a sua ligação à classe operária. Utilizando amplamente a tribuna da Duma para a agitação revolucionária, e fundando o notável jornal operário de massas *Pravda*, o partido educou uma nova geração de operários revolucionários – a geração dos «pravdistas». Durante a guerra imperialista este contingente de operários manteve-se fiel à bandeira do internacionalismo e da revolução proletária. Foi também ele que mais tarde constituiu o núcleo do partido bolchevique durante a Revolução de Outubro de 1917.

Na véspera da guerra imperialista, o partido bolchevique dirigia as acções revolucionárias da classe operária. Estes combates de vanguarda, interrompidos pela guerra imperialista, foram retomados três anos mais tarde para derrubar o tsarismo. No duro período da guerra imperialista, o partido bolchevique manteve bem alta a bandeira do internacionalismo proletário.